

**Memória
Viva do
Bairro**

Itararé

Vitória / ES

Nossa 
história
Nossa Bem

Território do Bem - Vitória - ES



Realizado com recurso do
Funcultura

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**
Secretaria da Cultura



ibram

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apresentação

O Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem, contemplado no Prêmio da SECULT/ES – “Criação de Pontos de Memória”, com a intenção de resgatar e preservar fatos e conhecimentos não presentes na história oficial, valorizando a memória social e fortalecendo a identidade do Território do Bem fez rodadas de conversa, individuais e coletivas, com moradores que vivenciaram a história de formação dos bairros São Benedito, Itararé, Consolação e das comunidades Floresta e Jaburu, na cidade de Vitória/ES.

Estimulando que o próprio Território pudesse olhar sobre si mesmo e suas referências locais, um grupo de lideranças, participante do Fórum Bem Maior (fórum de moradores do Território do Bem) foi convidado pelo Ateliê de Ideias para animar em seus espaços de atuação a ideia do resgate da história local.

Coube a essas lideranças a atuação como mediadores e conselheiros e a indicação do grupo de jovens moradores que participaram diretamente na realização do inventário participativo.

Os moradores mais antigos deram seus depoimentos e repassaram seus conhecimentos, dando destaque aos lugares que têm ou tiveram significado histórico.

Foram feitas pesquisas documental para ilustrar as informações transmitidas pelos moradores que vivenciaram a história. Fotos antigas e documentos foram localizados, com moradores, nos arquivos públicos, municipal e estadual, na Universidade Federal do Espírito Santo e na Prefeitura de Vitória.

E através da imersão em cada uma das etapas do inventário participativo os jovens estagiários tiveram a oportunidade de conhecer a trajetória histórica que originou a sua comunidade, compreendendo o passado e aquilo que os rodeia nesse instante.

Desse trabalho resultou uma coleção de histórias que se tornam referências culturais comunitárias em razão da história da formação dos bairros e comunidades do Território do Bem.

Denise Barbieri Biscotto e Valmir Rodrigues Dantas
Coordenadores do Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem

O Território do Bem - Vitória/ES

Vitória-ES

No século XX, em função da ocupação dos morros, que refletem as luzes das casas nas águas da baía, **Vitória** passou a ser chamada de “*Cidade Presépio*”.

O Município de Vitória é composto por uma área continental e outras 34 ilhas. É constituído por 80 bairros, com população de 319.163 habitantes.



Foto de THAIS GOBBO

Território do Bem.

“[...] toda cidade vai cantar e finalmente vai voltar, aos tempos atrás, aos tempos da paz, ao tempo da consideração, quando era menos ambição e o coração valia muito mais.”

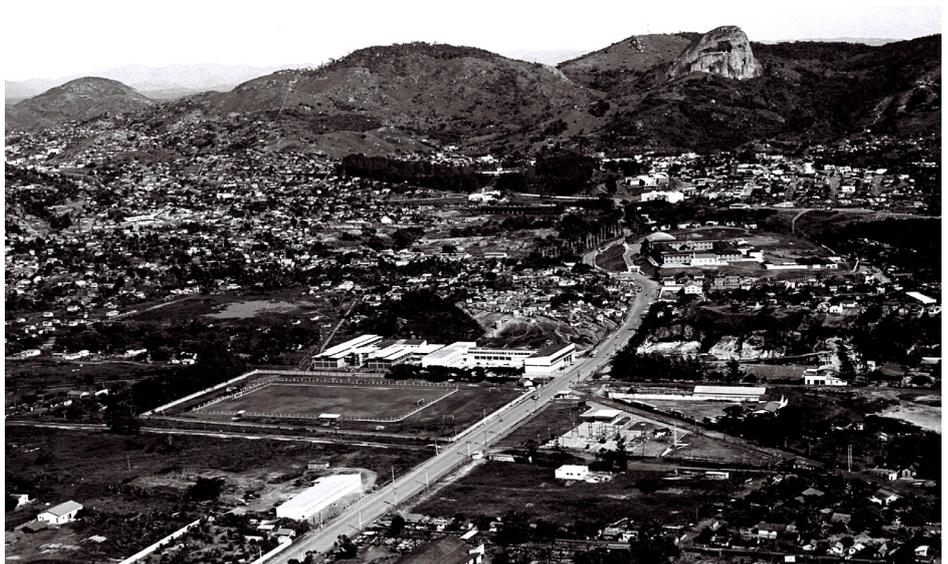
(Nelson Cavaquinho)

O Território do Bem. Este é o nome adotado pelos próprios moradores para uma região que é chamada de **Poligonal 1** pela **Prefeitura de Vitória, ES**. Esta poligonal, localizada na região central do Município, está circundada pelas avenidas **Leitão da Silva, Vitória, Maruípe e Marechal Campos** e é composta pelos bairros **Consolação, Bonfim, São Benedito, Bairro da Penha, Itararé** e pelas comunidades **Engenharia, Jaburu, Floresta** que juntos somam 32 mil habitantes (10% da população de **Vitória**).

A ocupação deste território começou no final dos anos 20, nas partes mais baixas e se intensificou na década de 60, nas partes mais altas, com migrantes do interior do **Espírito Santo** e também de outros estados, expulsos dos campos pela crise cafeeira e atraídos pela

industrialização recente da Capital e de seus entornos.

Sem estrutura para receber essa galopante migração campo-cidade, muitos problemas socioespaciais surgiram, principalmente a ocupação irregular de encostas e manguezais.



Av maruípe, em 1960



Fotos de Paulo Bonino,
arquivo SEDEC PMV,
da Avenida Leitão da Silva
em 1960 e em 2001

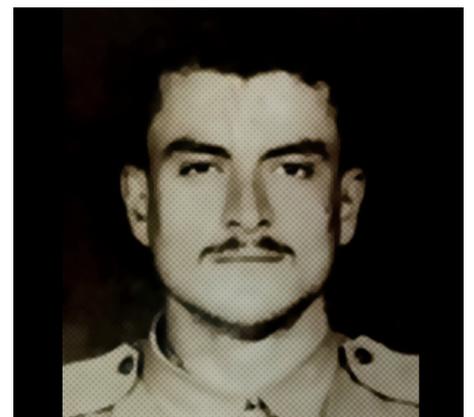


Sargento Carioca

Essas ocupações nem sempre eram pacíficas e o “**Sargento Carioca**” (um militar reformado do exército) foi o principal organizador tático das ocupações, que se dava com frequência durante as madrugadas, como forma de evitar o enfrentamento com

policiais. Os barracos erguidos eram muitas vezes derrubados pela polícia e pelos proprietários das terras, mas reerguidos pelos ocupantes.

ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR
(Sargento Carioca)



Vitória, 01 de setembro de 1987

Exm. Sr.

Maria José Alves Araújo

& seus familiares.

HISTÓRICO DA IMAGEM DE SÃO BENEDITO
SITA EM SEU PODER. NO ALTO DO ITARARÉ

CÓPIA PARA MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO. FICAR COM MARIA JOSÉ ALVES ARAÚJO.

Eu, abaixo assinado, 3º Sargento PM Reformado, Ascendino Fagundes de Aguiar, conhecido por Sargento Carioca, sou natural do Estado do Rio de Janeiro, Petrópolis, sou conhecido pelo povo deste Estado, Vitória, Esp. Santo, pelas campanhas de Líder Proletário, porque resolvi em 1953 iniciar uma campanha por minha conta para ocupar, lotear ruas, reservando locais para a igreja Católica, local para Escola, Praças, com o povo, isto tudo feito, tudo foi conseguido, água, luz, calçamento, escadarias, creches, sempre consegui policiamentos; os marginais não tiveram tréguas, nunca houve tumultos com a lei, nem problemas com o governo, apesar da proibição, muitas vezes terrorista das autoridades, sempre foi proibido fazer barracos. A quem possa interessar as povoações, iniciaram o Bairro da Penha, 1953, Bomfim, 1955, Baixada e Alto Itararé 1961, Alto São Benedito 1963, Alto Consolação 1966, Bairros São Pedro I e II e demais 1977 e demais povoados na Grande Vitória. Fui candidato a Vereador desde 1958 até 1982, agradeço a todos os viventes conscientes que votaram e falaram a meu favor, sou um devedor a todos os eleitores em todas estas eleições, fico muito grato também, fico grato a todos os governos que atenderam meus apelos, junto com o povo. A favor das melhorias, inclusive as linhas de ônibus Alto Caratoíra, Penha, Alagoanos, 1964 e linha de Itararé, 1962, peço desculpas a todos os viventes por qualquer dano causado mais um homem sozinho desarmado tinha que atender fielmente a todos e a tudo, ficaria impossível sem cometer erros. Mas de fiz os erros peço desculpas.

HISTÓRICO: da Imagem São Benedito, 80 cm de altura. Por ocasião das eleições municipais em Vitória, um candidato a Prefeito Sr. Abido Saad, agora falecido me entregou esta imagem para a nossa Igreja no Bairro da Penha, Vitória (1962) com uma procissão de 500 pessoas, ela ficou na igreja Penha. Trazida pelo povo da Praia de Santa Helena. Ela ficou na cidade igreja até 1966, consegui um material, tábuas e telhas e o povo construiu a 1ª capelinha, Alto São Benedito, sendo que anos após esta capelinha apodreceu então Dona Maria José Alves Araújo, com o povo, construiu de madei

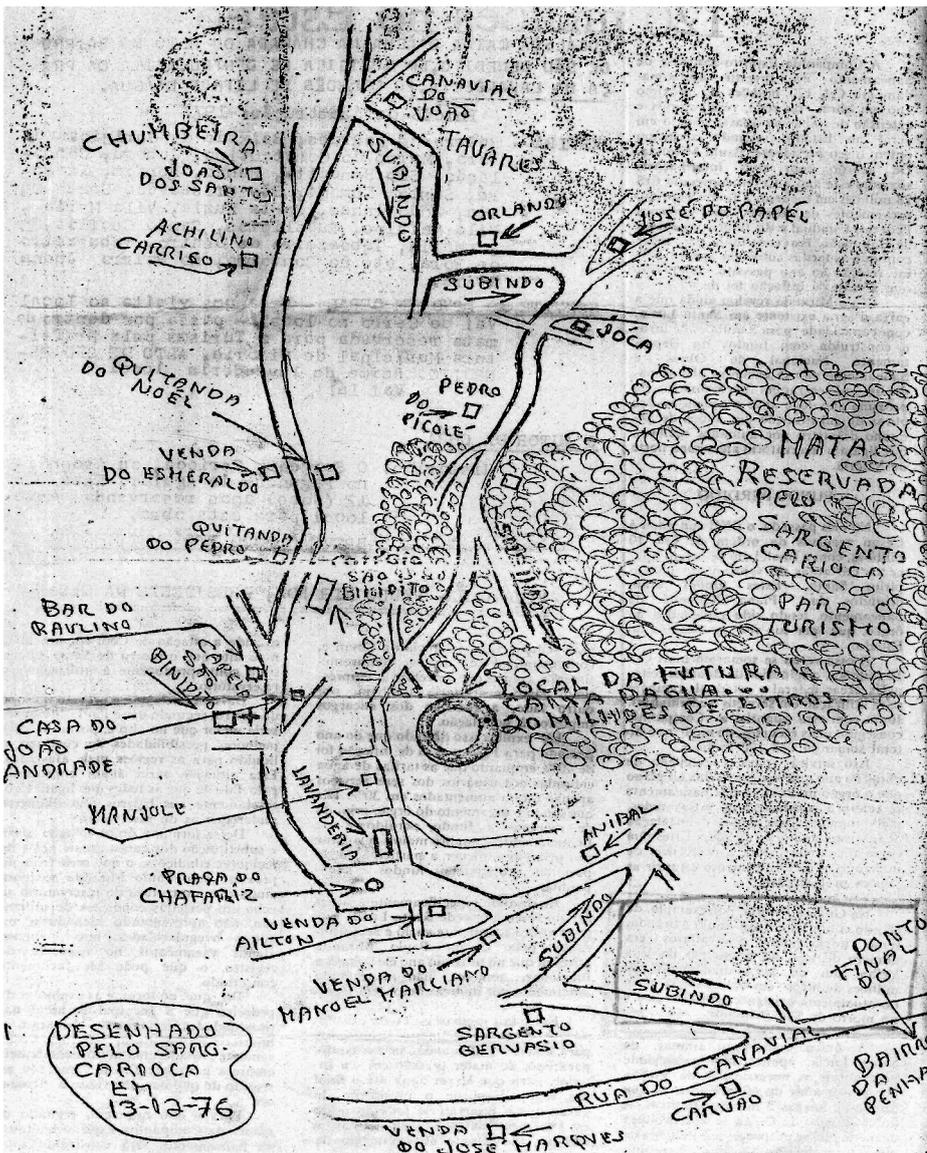
ras outra, parabéns a todos.

Assim, faço entrega desta imagem que, desde 1968, está sob os cuidados de Maria José Alves Araújo, a Diretoria atual da capela São Benedito no alto Bairro São Benedito, em Gurigica. De Dentro agradeço pela honesta guarda desta imagem.

Obrigado a todos os católicos.

Ascendino Fagundes de Aguiar
ASCENDINO FAGUNDES DE AGUIAR =
3º Sgt PM REF = SARGENTO CARIOCA

Documento, direcionado à Dona Maria José Alves Araújo (moradora de São Benedito desde a fundação do bairro), escrito e assinado pelo sargento carioca.



Somente a partir da década de 80, os problemas ambientais e de infraestrutura urbanas começaram a ser enfrentados. Em 1998 foi implantado o **Projeto Terra**, com ações para integrar e concretizar políticas sociais, habitacionais, de preservação ambiental e melhorias urbanas. Em 2007, o projeto passou a ser chamado de **Terra Mais Igual** e incorporou o conceito de **Desenvolvimento Humano**.

Desenho guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

Cesan investe em 1977 120 milhões no Estado

LOCAL: DA CAIXA D'ÁGUA, NA CHAPADA DO ALTO DO BAIRRO DE SÃO BENEDITO, EM GURIGICA DE DENTRO. ACIMA DA PRAÇA DA LAVANDERIA. 20 MILHÕES DE LITROS D'ÁGUA.

Início da construção: 1977

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento irá investir aproximadamente Cr\$ 120 milhões no próximo ano em obras de rede, reservatórios e extensão de linhas de abastecimento em geral no Estado, segundo anunciou ontem o seu presidente, Paulo Miranda. De acordo com suas informações, somente este ano a Cesan conseguiu Cr\$ 28 milhões em recursos a fundo perdido, provenientes de doações dos governos Federal, Estadual e do Banco Nacional de Habitação. Isso contribuiu para fazer com que as tarifas subissem apenas 30% em relação ao ano passado, enquanto que a taxa de inflação foi de 40%.

Paulo Miranda revelou ainda que a caixa d'água existente em Santa Lúcia, com capacidade para 5 milhões de litros e construída com fundos do Departamento Nacional de Obras e Saneamento não se encontra abandonada, devendo entrar em funcionamento no próximo ano, logo após a conclusão das obras de substituição de tubos de pequeno diâmetro por unidades maiores, que ligam o reservatório até a zona norte de Vitória.

FUNDO PERDIDO

No mês passado, o BNH concedeu à Cesan recursos da ordem de Cr\$ 10 milhões, com a finalidade de serem aplicados em obras de saneamento no Espírito Santo. Estes fundos eram oriundos do Plano Nacional de Saneamento, tendo sido repassados ao órgão, que por sua vez os destinou ao Estado.

A essa verba se somaram mais Cr\$ 18 milhões, originários de doações feitas pelas áreas federal e estadual, também para utilização em serviços semelhantes. Junto com essa quantia, a Companhia conseguiu mais recursos, de modo que no total somaram Cr\$ 120 milhões.

Isso servirá para a execução de obras no ano que vem, incluídas no plano que o órgão mantém e que basicamente se refere à construção de novas redes, melhoramentos nas atuais e instalação de novos reservatórios de água. Estes têm como finalidade prever a ocorrência de interrupções no fornecimento e suprir as regiões prejudicadas.

Na Grande Vitória, por exemplo, de acordo com o que disse Paulo Miranda, serão implantados reservatórios em número de três, no município de Vila Velha, um de aproximadamente 20 milhões de litros em Santa Lúcia perto do atualmente existente, em Gurigica e no morro de São Benedito.

A única construção similar, de Santa Lúcia, apenas tem capacidade para cobrir as necessidades de Vitória por pouco mais de 60 minutos, já que dispõe de apenas 5 milhões de litros. A linha de ação da Cesan se desenvolverá de modo que se proporcione condições de que o fornecimento não seja interrompido pelo menos oito horas após o início da interrupção no abastecimento.

Para Paulo Miranda, a captação de recursos externos a fundo perdido servirá

SERVIRÁ - Bairro de Lourdes, Baixada da Gurigica de Fora, Morro do Constantino, Jaburu, Consolação, São Benedito, Penha, Bonfim, Itararé, Santos Dumont, São Cristovão, Santa Maria, Andorinhas, Santa Luzia, Vila Maria, Vila Maruipe, Eucaliptos, Santa Cecília, Engenharia, Tabozeiro de Dentro, Tabuzeiro de Fora, até no Contorno, no Bairro Joana D'Arc.

CONVITE AO POVO EM GERAL - Faça uma visita ao local Vai de Carro no local - passe por dentro da mata reservada para o Turismo pela Prefeitura Municipal de Vitória, ALTO DE SÃO BENEDITO. Acima da lavanderia local Vai lá!

O AUTOR DA OBRA

Histórico: O Sargento Carioca, ou Ascendi, no Fagundes de Aguiar. Está há 12 (doze) anos reservando este local para esta obra.

BREVE O POVO TERÁ MUITA ÁGUA E PAZ!

-VIVA O DR. PAULO MIRANDA, PRESIDENTE DA CESAN-

para reduzir a dependência da Cesan e, conseqüentemente, o seu comprometimento, com o que se refere a empréstimos. Isso acarretaria também, por outro lado, a redução dos encargos impostos à população.

Ele explica isso dizendo que do ano passado para 1976, a taxa de inflação foi de 40%, enquanto que as tarifas de água cobradas aos usuários dos seus serviços apenas foram aumentadas em 30%. Diz que sendo o orçamento do órgão oriundo de recursos a fundo perdido e de financiamentos, quanto maior o volume dos primeiros, menor a participação do povo em proporcionar fundos à Companhia.

Analisando especificamente a situação do reservatório de Santa Lúcia, que se encontra totalmente vazio e sem utilização pela Cesan, Paulo Miranda afirmou que no próximo ano ele voltará a funcionar, somente não o estando atualmente por motivos de ordem técnica.

Entre tais motivos está o da existência de canos de diâmetro insuficiente para atender a demanda, necessitando, para isso, de maior pressão em seu interior, para que levem água até o final das redes. Explicou o presidente da Cesan que o reservatório foi construído em 1967 pelo DNOS, funcionando até o ano passado para o abastecimento da zona norte de Vitória.

O que ocorreu, segundo ele, foi de que a população cresceu e as redes não foram aumentadas. Dessa forma, e

estando a estação de Cobi em um nível mais alto que o morro de Santa Lúcia, seria contraproducente a utilização do reservatório.

Dai resultaria que a pressão no sopé do morro, segundo disse Paulo Miranda, seria maior que no alto e, portanto, com melhores possibilidades de conduzir o líquido para as regiões mais afastadas. Esta situação seria ainda engrossada pelo fato de que as redes que ligam Cobi diretamente aos bairros têm diâmetro maior que as do reservatório.

Dessa forma, a única solução seria a substituição dos canos atuais pelos de melhores condições, o que será feito no próximo ano. Paulo Miranda sustenta ainda que a estrutura do reservatório se acha em perfeitas condições de utilização, não apresentando rachaduras ou outras irregularidades, mas apenas alguns vazamentos no cabeçote de registro, o que pode ser facilmente consertado.

Diz que, no tocante às explosões da pedreira que a Incospal mantém nas proximidades, estas não chegaram a interferir na estrutura, tendo a Cesan somente enviado uma notificação àquela empresa para que tivesse cuidado no sentido de que isso não viesse a acontecer.

Para o ano que vem, segundo os planos da Companhia Espírito-Santense de Saneamento, será construída uma guarita de guarda no local do reservatório, com telefone e demais instalações.

Recorte de Jornal guardados, desde 1976, pelo Sr. Maurílio (morador de SB desde o início da ocupação do bairro) aponta um suposto investimento da CESAN que nunca aconteceu.

A origem do nome “Território do Bem”

O nome **Bem** vem do **Banco Bem**, banco comunitário, com sede em **São Benedito**, que motivou a integração entre as comunidades deste território. O **Território** possui uma instância organizativa própria, o **Fórum Bem Maior**, que discute e articula as ações de desenvolvimento local.





Memória Viva do Bairro Itararé Vitória/ES

Narradores

América do Nascimento Siqueira
Benedito Manoel de Jesus
Catarina Basco dos Anjos do Rosário
Elizabete
Francisco Américo Mônico
Franz Leppaus
Hilma Queiroz
Ilaci Muniz Salles
Jacira
João Damasceno Gomes
Maria de Lurdes Cunha dos Santos
Marlene Franco Rocha
Olyria de Jesus
Sérgio Ramos
Terezinha Leppaus
Zelinda Mattos Silva
(Martinha)

Pesquisadores:

Denise Barbieri Biscotto
Ailton Monteiro Filho
Maria Zuleide Leppaus
Sara Cruz da Silva
Silvania A. Leppaus
Valmir Rodrigues Dantas

Diagramador:

Sóter França

Coordenadores do Ponto de Memória Nossa História Nosso Bem:

Denise Barbieri Biscotto
Valmir Rodrigues Dantas

Memória Viva de Itararé – Vitória/ES

Itararé, em tupi, significa “*Pedra que o rio cavou*”. Esse bairro da cidade de Vitória/ES recebeu este nome porque, antes de ser ocupado, possuía muitas áreas alagadiças. Sua ocupação teve início nos anos 20, nas partes mais baixas do bairro (comunidade Engenharia) e na parte mais alta do bairro denominada de **Alto Itararé**, na década de 40.

As primeiras casas, de tábua e estuque, foram construídas pelos próprios moradores.

Em 1961 ocorreram novas ocupações na **Baixada** e no **Alto Itararé**, dessa vez sob a liderança do **Sargento Carioca**.

Nos períodos de chuvas fortes, alagava tudo em **Itararé**. Era tanto brejo que para trabalhar ou estudar só passando em cima das pinguelas (pontezinhas improvisadas pelos moradores), e muitas pessoas caíam delas. Não se usava gás de cozinha, como se tem hoje. Naquele tempo, todo mundo cozinhava em fogão com lenha. Primeiro a lenha era tirada na mata ali mesmo e depois o feixe de lenha, que vinha na cabeça, saía da **Serraria do Seu Jaques**.

A energia só chegou em 1966 depois que o **Seu Josias** (cunhado de **Dona Martinha**), morador do bairro que trabalhava na Escelsa, organizou um abaixo assinado. O acesso à cidade era através de bondinho e os moradores andavam até a **Praia do Canto** ou **Jucutuquara** para pegá-lo. O bonde vinha de **Santo Antonio**, passava por **Jucutuquara**,

Gurigica, Praia do Canto e Santa Helena, depois voltava para **Santo Antônio**.

Em **Itararé** tinham muitas bicas e nascentes de água. A água encanada só chegou ao bairro em 1975. Antes da água encanada o carnê de **IPTU** já chegava para ser pago em muitas moradias.

Itararé, a partir de 1981, recebeu aterros com investimentos da

Prefeitura Municipal de Vitória e ganhou expansão territorial e “*higienização*” nas ruas da região. Com obras para terminar com brejo e água parada, tapamento de valas e canalização das águas, muitas mudanças aconteceram nas ruas **Roberto Kennedy, Daniel Abreu Machado** e a **Rua das Palmeiras**.

Delio

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA

Departamento de Finanças

Guias para pagamento de Tributos
Predial - Territorial - Taxas - Cont. Melhoria

1973

Obs.: - A perda deste talão acarretará a taxa de Cr\$ 5,00

TRIBUTOS	Cr\$	VALOR
PREDIAL	2,10	
TERRITORIAL		
LIMPEZA PÚBLICA		
CONS. CALÇAMENTO		
CONT. MELHORIA		
TAXA ILUMINAÇÃO		
TOTAL S/ MULTA	2,10	
MULTA	4,75	
TOTAL C/ MULTA	6,85	

VIA DO CONTRIBUINTE

Nº 006116 GUIA DE RECOLHIMENTO Nº

Nome *Benedito Manoel de Jesus*

Local *R. Roberto Kennedy 550*

Penha Protocolo nº

Tarifa de água para obras

Tarifa de construção sobre a área

Diferença de consumo

Quota de Previdência

Vistoria

Religação

Expediente

Material de rede

Material de derivação

Multa

Depósito p/ fornecimento hidrômetro

TOTAL A PAGAR

Vinte e dois cruzeiros

OBS.

Data *03/01/75* RECIBO

Pituli 00023 JAN 3

Assinatura do Emitente

LIG. DE AGUA
CESAN

PROTOCOLO

Nome: *BENEDITO M. DE JESUS*

PENHA - VITÓRIA

N. 056 Em *03/01/75*

Parte da História do Itararé

Contada pela Dona América do Nascimento Siqueira

Na época que eu nasci (1949) tinham poucas casas em **Itararé** porque era tudo em chácaras, né? Tinha a chacara de meu pai (Egli Guilherme do Nascimento), tinha chacara do irmão dele, meu tio Joaquim Manoel da Silva (que era onde está o Material de Construção do Chico). Tinha o Daniel Abreu Machado que era praticamente dono do **Itararé** quase todo. Seu Daniel tinha um poço bom de água, muito bom. Todo quintal tinha poço mas com água meio salitrada. O dele ali na rua que leva o nome dele era tipo um rio, tinha nascente lá em cima que vinha a água doce direto ali, a gente tomava banho, lavava vasilha, as mulheres lavavam roupa... Aqui tinham muitos valões, como tinha na **Leitão da Silva**, nessa rua aqui e atrás do SOCOR mas, era com água que vinha do mar. Os valões naquela época eram limpos eram mais para escoar a água de chuva. O povo todo usava fossa. Esse negócio de esgoto nos valões começou depois que tiveram as invasões. Igual esse morro de **São Benedito** mesmo, ele era do Daniel Abreu Machado e tinha muito colônio e cajueiro lá. Depois a família Zanetti, uns italianos, compraram o morro dele e fizeram lá um canal. Ai veio o **Sargento Carioca** (o nome dele mesmo é Ascendino Fagundes de Aguiar) que programou a população para uma invasão. Foi quando invadiram o terreno desse Zanetti que meio aborrecido vendeu o resto da terra que sobrou.

Papai nasceu em Rio Novo do Sul, morou em Cachoeiro do Itapemirim e depois veio para **Vitória** por recomendação médica, por causa do clima. Ele chegou aqui e alugou esse lugar, que ele comprou depois, do Daniel Abreu Machado. Ele trabalhou como ajudante de pedreiro construindo a pista do aeroporto e veio aqui para o **Itararé** no dia 08 de setembro de 1945. (A pista de cimento do aeroporto foi construída pela **COTECA-Companhia de Terraplanagem Capixaba** foi inaugurada em fins de 1943). Mas, a profissão dele mesmo era padeiro. Ele trabalhou na **Padaria Brasil**, fez e vendeu muito pão.

Ele manifestou o desejo de ter uma rua aqui com o nome dele. E ele merece porque ele cuidou muito da rua **Rua Roberto Kennedy**: cedeu espaço para a rua alarguecer (porque o outro lado não queria ceder), ajudou a fazer pontes aqui para entrar mercadorias em carro, que antes não entrava. Botava trabalhador na rua, dando comida, dando salário. Tem gente como o José Queiroz que nunca fez nada pelo **Itararé** quando veio prá cá e deu nome a uma escadaria.

O **Sargento Carioca**, que atuava na política junto com Dr Antário, Dr. Adelfo Poli Monjardim, Setembrino Pelissari, conseguiu uma turma do Mobral para funcionar na sede de baile de papai. A minha irmã Edna era a professora e eu a ajudava lá. Éramos adolescentes dando aulas para adultos que não sabiam ler.

Isso aqui era uma maravilha, depois que quebraram umas pedras e colocaram umas manilhas entre a casa do Cidadão e o Caxias, o bairro não dava mais vencimento das águas que desciam dos morros e aí foi matando as fruteiras, matando as hortas e virando tabual. Aqui, na base do morro, diferente de **Andorinhas**, não era mangue. **Itararé** virou um brejo só depois que fizeram a urbanização da **Avenida Maruípe**.



Mais um pouco da História do Itararé

Contada pela Zelinda Mattos Silva (Martinha)

Aqui tinha muita bananeira, a gente andava descalço correndo esses morros para baixo e para cima. Arrancava cana pela raiz, quebrava no joelho e metia no dente, porque naquela época a gente tinha dentes bons. Meus pais, meus avós, meus tios foram muito bons para mim. Fui tratada como uma rainha, elas sabem disso.

Quando eu era pequena, lá em 1950 e pouco, a gente era tratada com chá de laranja cravo e beladona (beladona é como se fosse um AAS infantil, parecia um carocinho de isopor, bem miudinho, branquinho e docinho). Quem receitava beladona era o **Dr. Moacyr do Hospital Infantil...**

Na infância a gente ia correndo para a **Praia de Camburi**. Não tinha esse negócio de ônibus, era mata e estrada de terra. Quando passava um carro a gente ficava amarelinha de poeira... quebrava aquelas galhas e fincava na areia para fazer sombra. Na volta estava lá um poço no meio do caminho e a dona dali deixava um balde com água e uma caneca, a gente bebia a água e vinha embora...



Muitos anos antes da luz chegar aqui em **Itararé**, o **Sargento Carioca** instalou uns postes de pau tentando puxar a energia para cá e aí meu avô dizia 'quando as galinhas criar dentes a luz chega aqui' (risos).

A luz chegou em 1966 e eu me casei em 1967. Na minha casa não tinha energia e olha que o meu marido puxava gato para um e para outro, colocava a luz direitinho. Ele botava luz na casa de todo mundo, só não colocava para nós porque a nossa casa era de estuque.

Outras histórias de Itararé contadas pelos primeiros moradores

Dona Hilma Queiroz: "Quando o nosso pai comprou aqui a nossa casa era de estuque e palha. Água para beber a gente pegava lá onde está aquele colégio Ceciliano. Quantas vezes eu fui buscar água lá e escorregava porque era tudo cheio de limo, caía a água no chão e eu tinha que voltar para enfrentar a fila de novo. Tinha um poço aqui que era do Seu Daniel Abreu Machado, tinha um outro chamado Poço do Rapa e o poço de Seu Benedito. Depois meu pai construiu aqui e fez um poço aqui para livrar da gente pegar água fora. Ai as pessoas do morro vinham pegar aqui também, fazia fila."

Dona Catarina: "Aqui era puro brejo. Em Itararé tinha muita correnteza de água, muita bica de água. Era só cavar que brotava água. Não tinha luz, acendia a lamparina e tinha muito mosquito".
"logo que cheguei aqui meus meninos pegaram catapora, daquelas feias mesmo, e a gente ia lá ao Posto de Saúde perto do **Parque Moscoso** para tratar deles".

Dona Marlene Franco Rocha: "A gente enfrentou muita coisa nesse Itararé. Quando tinha visita para fazer no **Hospital Nossa Senhora da Penha**, por causa da água, para passar a gente colocava a saia quase na cabeça".

Dona Elizabete: "não tinha rua, era um valão de fora a fora que as crianças caíam de velocípede e tudo lá dentro da vala".

Lurdes Cunha dos Santos: “Saía para trabalhar bem cedinho, a pé para o trabalho lá em Jardim Camburi. Quando estava chovendo tinha que levar uma roupa na sacola para trocar. Chegava toda molhada”.

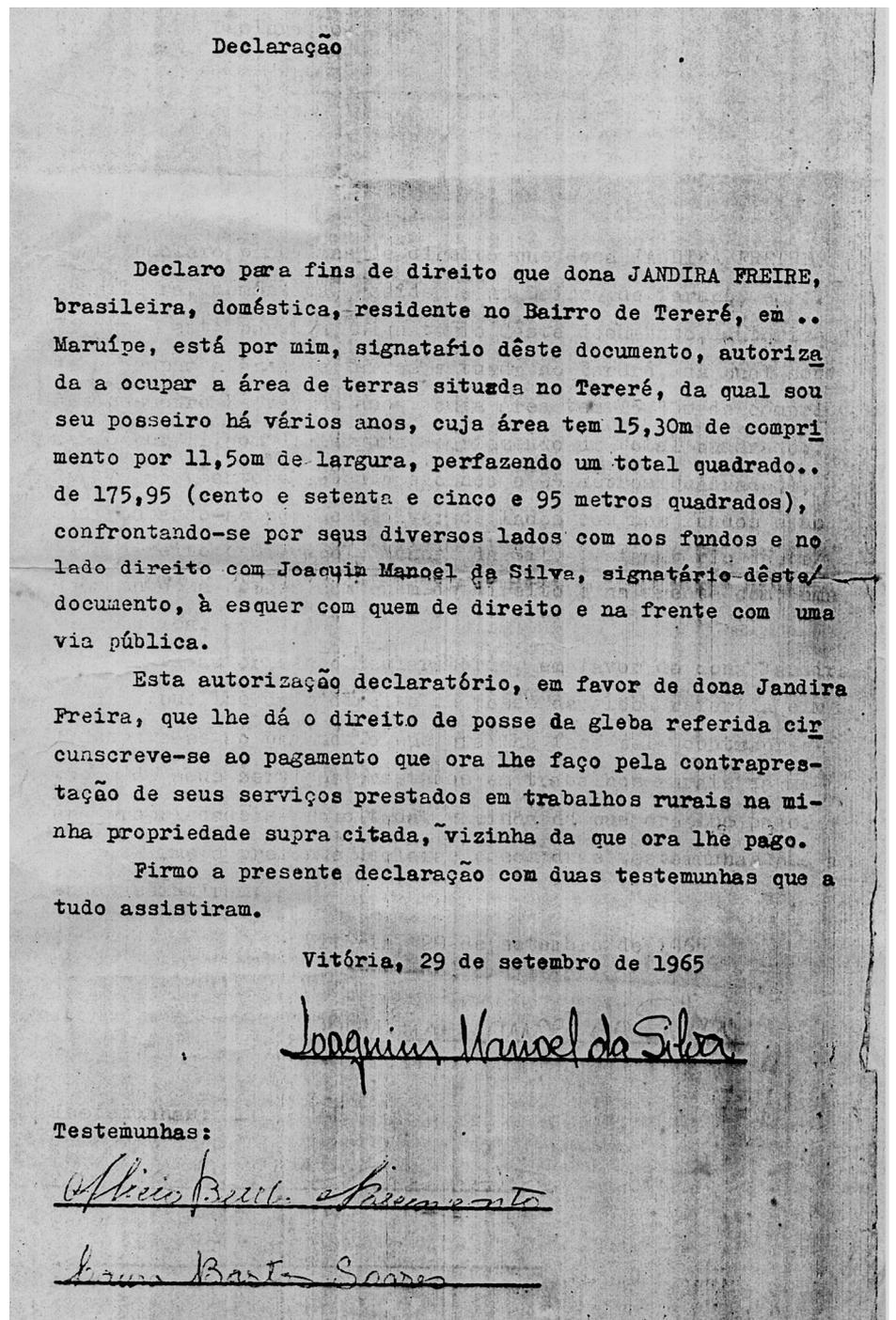
Dona Elizabete: “Quando vim morar aqui era menina (tem mais de 50 anos), a gente via o sargento carioca por ai a fora na verdade eles foram tipo que invadindo né... energia quando eu cheguei aqui não tinha não, a gente usava era lampião, aquele lampião a gás e às vezes lamparina que até entupia o nariz por causa da fumaça”.

Dona Marlene Franco Rocha: “Era mata a gente saia aqui do bairro pela Ponte da Passagem, descia e já estava na praia. Em Camburi dava muito coquinho e pitanga”.

Seu Francisco Américo Moniko: “Em 1959, aqui não tinha nada, só tinha mangue e tinha a vala, e depois dessa galeria que eles chamavam galeria do Maruípe é que passaram o nome do bairro para Itararé. Para chegar material de construção aqui era tudo em carroça puxada por animal e o animal ficava lá fora...”

Dona Marlene Franco Rocha: “A gente ia longe, em cima de tábuas. Seu Manoel Baiano, Genésio (marido de Dulce), Arlindo, Seu Pedro, Seu Trajano, Dalva, Hercília e outros moradores ajudaram a construir pinguelas para todo lado. As pessoas que tinham chácaras são as que mais faziam as pinguelas”.

Lurdes: “Na era de Argilano Dario e Claudionor Lopes Pereira, as reuniões do PMDB e do PTB em Itararé aconteciam na casa de papai (Zé Trajano). Em reunião do partido vinham aqueles homens com família lá para casa e papai



Documentos cedidos pelo Sr. Benedito Manoel de Jesus (morador do bairro desde a década de 50)

comprava aqueles engradadinhos de guaraná de garrafinha e servia quente (nem tinha energia ainda) e servia com polenta”.

Seu Benedito Manoel de Jesus: “nós, com a finada sogra Jandira, moramos na chácara do Seu Egli para não deixar ninguém invadir. Tudo por aqui pertencia a família dele e do irmão dele, o Seu Joaquim Manoel da Silva... eu criava cabra, porco, galinha e tudo que é verdura. Depois o Seu Joaquim vendeu onde é a Maranata para o finado Claudionor que garantiu que não ia deixar a gente na rua... ai o Seu Joaquim passou um lote para nós...”.

Seu Benedito Manoel de Jesus: “O **Carioca** ia atravessar essa rua prá lá, antes daquele prédio era tudo brejo ali. Antes de aprovar essa ideia na prefeitura o finado Claudionor comprou tudo por ali”.

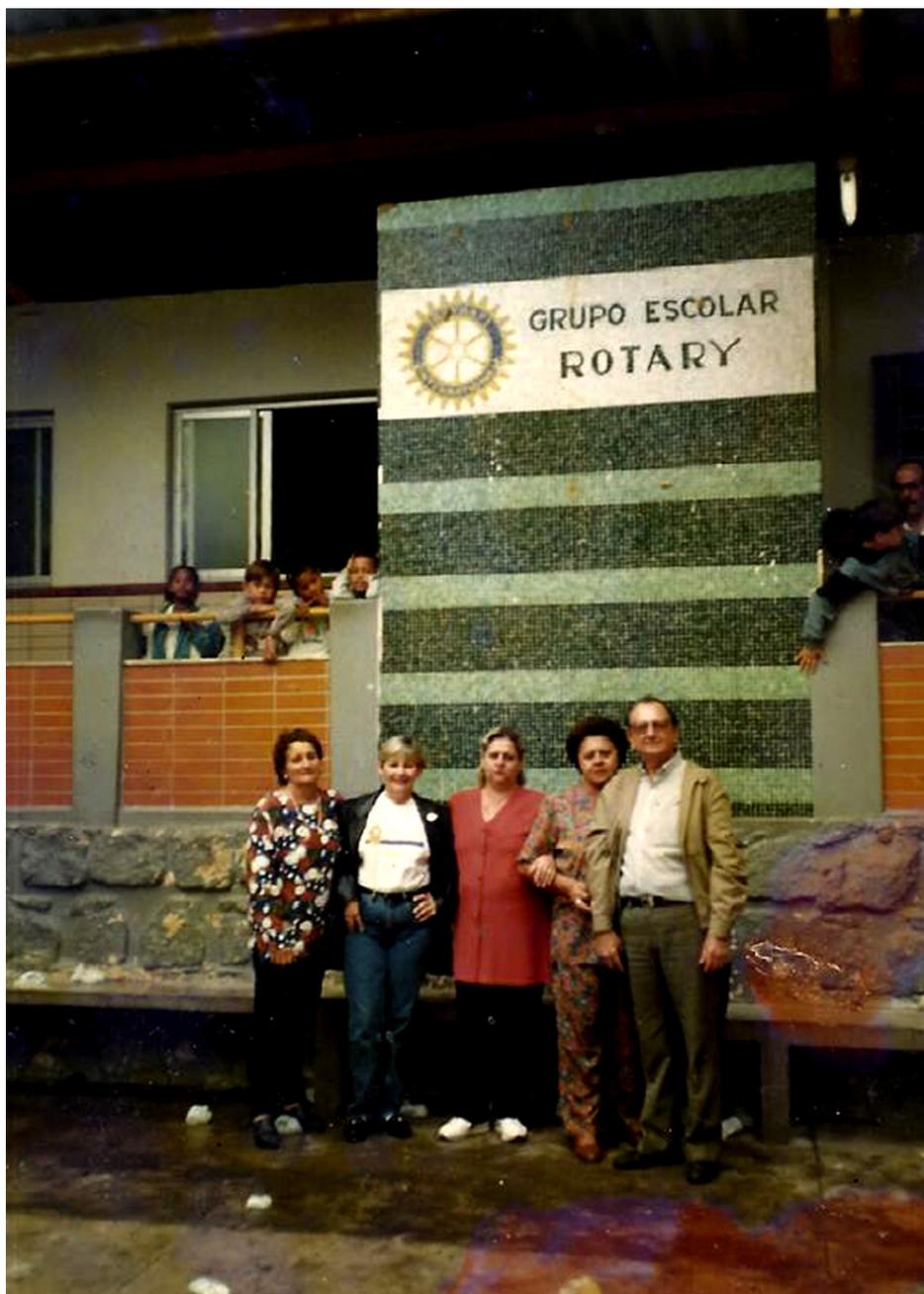
Franz Leppaus: “O **Carioca** juntou uma galera para abrir a estrada do Ponto Final do ônibus do **Bairro da Penha** até o **Beco do Estrela**. A estrada foi cavada com enxada, enxadão e picareta. A gente amarrava as corda num couro de boi, colocava a terra que tiramos em cima e um monte de homem saia puxando. Cavava para abrir a estrada, tirava da barreira e jogava para o lado de baixo, aterrando os valões e os buracos. Quem ajudava a abrir estrada podia até pegar um lote lá em cima, no **São Benedito** mas tinha que construir e naquela época não dava”.



Rua Arlindo Sodré; à esquerda construção Caic. Imagem do Arquivo Público Municipal de Vitória/ES.

A Escola Otto Ewald Junior foi a primeira escola do bairro Itararé. Iniciou suas atividades onde hoje é a Igreja Assembleia de Deus. Funcionava em apenas uma sala de aula, em dois turnos, num barraco de madeira, de propriedade do Seu Trajano. As primeiras professoras da Escolinha foram a **Dona Silvia** e a **Dona Nair Machado**.

Com o crescimento da população e a necessidade de ampliação da escola com mais salas de aula, os moradores ganharam uma nova escola que foi construída pelos Rotarianos em terreno doado pelo senhor Daniel Abreu Machado, um dos primeiros moradores do bairro que posteriormente deu nome à rua onde a escola se localiza.



Lurdes Cunha dos Santos: *“Quando eu tinha 14 anos, ajudava a **Dona Silvia** e a **Dona Nair** a ensinar as crianças a fazer umas continhas e conhecer as letras. E quando elas iam receber na prefeitura eu ia junto e também recebia um dinheirinho”.*

Zelinda Mattos Silva: *“A primeira escolinha funcionou na casa de Seu Trajano que alugou a casa para o prefeito. Esqueci quem era o prefeito naquela época, do governador eu lembro, era o Francisco Lacerda de Aguiar...era uma cadeira para dois alunos (sentava dois meninos, sentava duas meninas)... e tinha o quadro na frente”.*

*“Nessa época quem podia quando acabava o estudo aqui ia lá para a cidade estudar, quem não podia, pegava o diploma e ficava em casa mesmo... a minha irmã e Lurdes estudaram na **Obra Social Santa Luzia**”.*

Dona Terezinha Leppaus: “A **Rua Daniel Abreu Machado** tinha um valão no meio que chegava ali onde é o Supermercado ExtraBom. Minhas crianças iam estudar no **Rotary** e uma delas caiu da pinguela. Era um sacrifício”.



Canal de lançamento de águas de esgoto, na Rua Daniel Abreu Machado (data indefinida)
Imagem cedida pelo arquivo público municipal de Vitória

Jair Simões: “Antigamente, só tinha o **Rotary**, que era um barracão. Todas as crianças estudavam lá. Agora tem três colégios aqui. Há também três creches. Hoje, em cada beco existe rampa, escadaria. Agora, tem até corrimão, antigamente a gente escorregava”.



Festa na escola do Rotary, em Itararé.

As fotos abaixo mostram a demolição da escola do **Rotary** para dar lugar a construção da Escola que existe até hoje.



A Igreja Assembleia de Deus, a primeira Igreja Evangélica do bairro **Itararé**, se estabeleceu em 1970 no barraquinho onde antes funcionava a escolinha local. Sua fundação coube ao pastor João Lima. De tão pequenina a sede da Igreja, as celebrações, incluindo casamentos, aconteciam na rua. A Igreja é símbolo da religiosidade e da cultura evangélica da comunidade.

O terreno onde está situada a Igreja, na **Avenida Robert Kennedy**, pertencia ao senhor José Trajano que, junto com Daniel Abreu Machado, eram os principais donos de terras de **Itararé**.

Dona Jacira (moradora de Itararé desde 1961):

“A Assembleia, começou em uma casinha pequenininha, do finado Seu Trajano (pai de Lurdes). Eles se reuniam na rua porque na igreja não cabia o povo, era tipo de um comércio pequeno”.



Comunidade Imaculada Conceição (Igreja Católica)

A sede da **Paróquia Imaculada Conceição** só foi edificada em 1973, mas, anos antes (no início da década de 60) o local da Igreja católica do bairro já havia sido reservado pelo **Sargento Carioca** que ergueu no local uma grande cruz de madeira.



Vista aérea (vista da R. Palmeiras, terreno do Caic, Igreja Católica e R. Daniel de Abreu). Década de 90
Imagem cedida pelo arquivo público municipal



Seu João: “Em todo lugar que chegava, ele (**Sargento Carioca**) fazia um monumento, escrevia a história de fundação do lugar e assinava “**Sargento Carioca**”. Ele ajudou muito em todos os lugares... Aqui em **Itararé** temos a comunidade Imaculada conceição sobre aquela pedra onde ficava o **Cruzeiro** de madeira grande que ele construiu e o povo ia rezar por lá”.

Dona América: “Eu participei da primeira coroação que teve no **Cruzeiro**. Foi a última coroação que eu participei, eu me vesti de anjo Gabriel. Tinha um planejamento de que em cima daquela pedra que tem na frente da Igreja seria feito um hospital que nunca foi feito”.

Rua das Palmeiras

(Rua das Palmeiras, esquina com a Rua Marins Alvarino)

Éa primeira e até hoje a principal rua de Itararé. A **Rua das Palmeiras**

antigamente era composta por pinguelas (pequenas travessias de madeira), e apenas estas permitiam a passagem dos moradores para entrar e sair do bairro. Com o crescimento urbano da cidade, a rua foi pavimentada e dotada de uma ciclovia, e se tornou forte rota comercial do **Território do Bem**.

Rua das Palmeiras; trecho correspondente entre a Av. Leitão da Silva e Av. N.S. da Penha (Data indefinida) – Imagem cedida pelo arquivo público municipal de Vitória



Seu João: “...Pegando a avenida da rua das palmeiras, que vai se encontrar com a **Leitão da Silva**, era tudo mato e brejo. Era muita lama, muita dificuldade, eram poucas casas. Dava para contar umas três casas de moradores que já estavam aqui. E tínhamos um morador, de maior porte, seu Arcelino, que morava onde hoje é o hospital da Unimed”.

Seu Franz Leppaus: “A **Rua das Palmeiras** era só uma trilha que dava na Reta da Penha. Tinha uma chácara grande, do Seu Arcelino (que usava suspensório) e da Dona Hilda. Lá a gente comprava ovos para comer e para vender na nossa quitandinha”.



Rua das Palmeiras. Foto do Arquivo Público Municipal de Vitória (data indefinida) Imagem cedida pelo arquivo público municipal de Vitória

Antiga chácara (onde hoje está instalado o hospital da Unimed)

A antiga chácara de **Itararé**, onde hoje se situa o hospital da Unimed Vitória, encantava a todos com sua beleza, suas árvores frutíferas e os muitos animais que abrigava. A propriedade era do Seu Arcelino que vivia no local com sua esposa, a Dona Hilda, e empregados. Não possuía filhos e nem gostava muito que a criançada invadisse a sua chácara para pegar as frutas.

Dona Marlene: *“...Ali na Unimed era uma chácara grande, com granja de galinha e tudo. O dono, o Seu Arcelino, chamava a polícia quando tentavam invadir as terras dele”*

Seu João: *“...Ali na Unimed era uma chácara grande, com granja de galinha e tudo. O dono, o Seu Arcelino, era um obstáculo, que impedia o progresso. Se pusessem a mão na cerca, ele ficava muito bravo. Depois de um tempo, ele foi ficando mais tranquilo, e nós pudemos lotear o terreno. Depois veio a ideia de urbanizar melhor esse lugar, de onde surgiu a avenida das Palmeiras”.*

Zelinda Mattos Silva: *“Olhava aqui de cima e via os pés amarelinhos de tanta laranja cravo, era por laranja cravo que a mexerica era conhecida antigamente. Eu chegava na chácara e pedia: ‘Dona Hilda eu quero 200 réis de laranja cravo’ e ela trazia 3 ou 4 na sacola... ela também vendia galinha. Pelo peso que ela achava que a galinha tinha, ela dava o preço”.*



Rua Marins Alvarino, antes da pavimentação
(antes rua da Chácara e hoje, a rua de acesso ao hospital da Unimed).



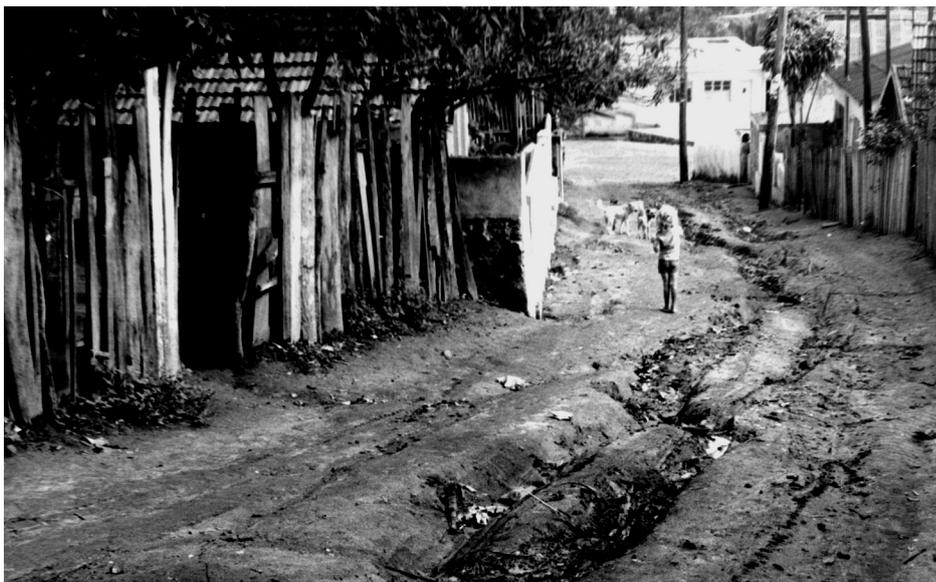
Hospital da Unimed

Lurdes (nasceu em Itararé em 1944): *“quando eu era criança ia lá à chácara da dona Hilda apanhar fruta, colocava tudo na saia para carregar e saia correndo (risos)”.*

Dona América: *“Falando em nome de rua, essa Rua Marins Alvarino, por exemplo, não tem nada a ver com a história da gente. Ela era a rua Castela aí o Izildo Alvarino ganhou a política e colocou o nome do pai dele.”*

Rua do Megafone (Auto Falante)

Rua do Megafone, assim era conhecida a Rua Engenheiro Rubens Bley, em Itararé. Nela havia duas grandes palmeiras com grades que sustentavam dois auto faltantes (chamado de megafones por alguns moradores), através dos quais eram divulgadas as informações importantes para a comunidade, como festas, anúncios fúnebres, missas e outros eventos do bairro. Serviam como rádio ou até mesmo um jornal público, através dos quais eram narrados fatos importantes ou de grande relevância para os moradores. As correntes que sustentavam os auto falantes estão presas até hoje nas palmeiras e podem ser observadas se olhadas com atenção. Anexa as palmeiras está a escola **Aflordízio Carvalho da Silva**, antes era conhecida por escola “Polivalente”, ponto de referência da **rua do Megafone**.



Rua Engenheiro Rubens Bley (data indefinida). Foto do arquivo Público Municipal

Sergio Ramos: “Meu pai (Valter Miranda) e Seu Natalino eram dos poucos moradores aqui da rua, que era toda de barro... daí o pessoal veio invadindo e ficando para morar... Eles gostavam de festa, de alegrar e ajudar as pessoas, ele faziam um carnaval de rua aqui, chamado “fura olho”: fechavam a rua, plantavam pau de sebo e a gente fazia o carnaval.”

Zelinda Mattos Silva (Martinha): “ali do furo olho eu já gostava, tinha carnaval. Seu Natalino fazia o trabalho, fazia aqueles tablados, colocava o som pelo autofalante da árvore e eu me esbaldava... ‘Л vou beijar-te agora, não me leve a mal, hoje é carnaval... Л’ ”.

João Damasceno Gomes: “Até hoje se vê, na entrada do quartel, aquelas palmeiras. O proprietário do lote que morava embaixo colocou dois autofalantes lá em cima, e era ali que começavam os comícios e reuniões políticas. Eu usava aquele serviço de autofalante para fazer a oração da ave-maria. Deram o nome do lugar de fura-olho”.

Sergio Ramos: “Meu pai (Valter Miranda) tinha um bar chamado Bar Itaúnas. O bar funcionava num barraco e de lá era anunciado quando uma pessoa morria, botava música para acompanhar a ida do povo para o cemitério... existe a corrente lá na palmeira até hoje”.

Dona América: “O Seu Natalino fez um serviço de autofalante ali perto do Polivalente, ali a gente se divertia mesmo. A maior diversão da gente era esse lugar lá, o furo olho. Dançamos muito baile de carnaval lá. Tinha até programa de calouro para as pessoas que queriam ir lá cantar. Naquela época era muito bom, papai fazia todas as fogueiras, Santo Antônio, São Pedro, São João. Fazia fogueira para todo mundo participar, botava sacos de batata, de milho para o pessoal assar na fogueira”.



Rua Roberto Kennedy

A Rua Roberto Kenedy sempre teve a sua importância. Há muito tempo abriga templos religiosos e comércios, como o do Seu Noé, do Seu Trajano e o do Seu Egli. Tinha ainda a quitandinha do Seu Franz e da Dona Terezinha.

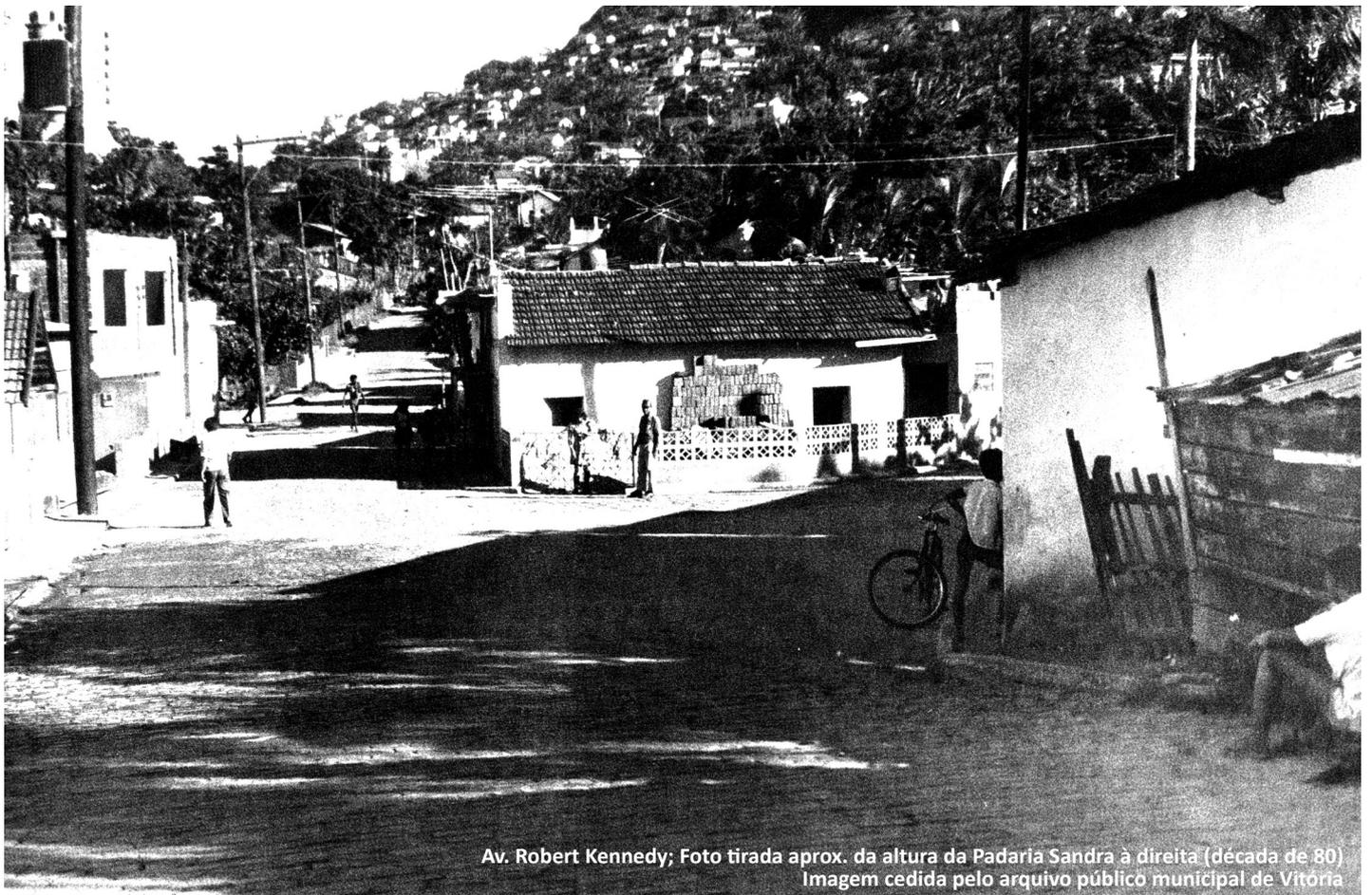
Dona Jacira: “A *Rua Roberto Kennedy* era estrada de chão, tinha mato e tudo, ai meus dois irmãos e outros homens se juntaram ao **Sargento Carioca**, que era candidato a vereador, e construíram essa rua no muque com enxada e pá. Depois que fizeram a rua que começou a passar o ônibus pequenininho por aqui. Depois veio a iluminação que o **Carioca** botou aqui.”



Av. Robert Kennedy; à esquerda Casa de Oração (década de 80). Imagem cedida pelo arquivo público municipal de Vitória

Franz Leppaus: “aqui na rua fizeram um alicerce de pedra que pegou mais ou menos do número 510 até o número 620 da rua. As casas que ficavam do lado esquerdo ficaram abaixo do nível da rua... uma casa que era de tábuas, de Seu João e de Dona Dolores, nós conseguimos levantar. Levantando e calçando até chegar no nível da rua e depois feito outro pilarzinho. As outras casas precisaram ser reconstruídas”.

Ilaci Muniz Salles: “essa rua aqui foi alteada para não precisar quebrar a pedra. Eu e muitos moradores ficamos prejudicados com a casa abaixo do nível da rua. Quando chovia enchia tudo, tinha até que chamar o bombeiro para tirar a água de casa. Tive que desmanchar a minha casa, que era boa. Perdemos tudo, foi o maior sacrifício. Primeiro fizemos um barraco de madeira atrás, mais alto... até as meninas que trabalhavam na prefeitura jogavam uns carrinhos de areia para ajudar a deixar o terreno mais alto... só depois, devagarzinho, conseguimos reconstruir a nossa casa de tijolinho”.



Av. Robert Kennedy; Foto tirada aprox. da altura da Padaria Sandra à direita (década de 80)
Imagem cedida pelo arquivo público municipal de Vitória



Av. Robert Kennedy; Ao fundo a Madeireira "Continental Vênner" à Av. Leitão da Silva (década de 80).
Hoje, o Comércio Fio e Ferro. Imagem cedida pelo arquivo público municipal de Vitória

Comércio de Secos e Molhados

Itararé também tinha as suas “vendas” de secos e molhados, o que era comum nos anos 50/60. Era através deles que a população se abastecia (gênero alimentício e o que mais necessitasse). Pesava-se o arroz, a farinha, o milho, o feijão e muitos outros itens (até o fumo). Eram vendidos a granel.



Zelinda Mattos Silva: *“antigamente tinham os mais ou menos e os pobres aqui em Itararé. Bem, tinha o Seu Zé Miserável, Seu Daniel Abreu Machado e Seu Trajano. Esses 3 ai tinham vendas. Seu Trajano (que veio da Paraíba) vendia rosca, querosene, lenha, carvão, arroz e mangaça. Mas a venda mais rica daqui era a do Seu Egli que vendia roupa e até linha para bordar. Vendia esmalte, batom (da Carmem Miranda), perfume...vendia de tudo”.*

Dona América: *“Os maiores comércios eram o de papai (Seu Egli), o do pai de Lurdes, o Zé Trajano e o do Seu Zé Simões. Papai, que era padeiro de profissão, vendia de tudo no comércio dele, tudo o que você podia imaginar: vendia roupas, calçados, tinha movimento de bar, de mercearia, ele tinha de tudo dentro do bar dele, até arma de fogo que naquela época não era proibido vender”.*



Lavanderia Pública

Na subida da rua **Roberto Kennedy** esteve localizado o Poço da Dona Jandira, com água limpa. A dificuldade era muito grande para conseguir água boa. Na comunidade tinha muitos poços, mas muitos deles tinha água salobra. Do lado do poço da Dona Jandira tinha uma **Lavanderia Pública** onde as mulheres lavavam suas roupas. Constantemente havia brigas e disputas pelos lugares na fila.

Em 1997 o terreno da **Lavanderia Pública** foi cedido para o **Movimento Comunitário de Itararé**, como mostra o texto da Lei.

Lei 4469/97 | Lei nº 4469 de 30 de julho de 1997

Publicado por **Câmara Municipal da Vitória**
(extraído pelo Jusbrasil) - 18 anos atrás

Ver artigo:

AUTORIZA CONCESSÃO DE USO DE ÁREA DE PROPRIEDADE DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO DE ITARARÉ.

O Presidente da Câmara Municipal de Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu promulgo, nos termos do § 1º do Art. 83 da Lei Orgânica do Município de Vitória, a seguinte Lei:

Art. 1º - Na forma do que dispõe o Art. 28 da Lei Orgânica do Município de Vitória, fica o Poder Executivo autorizado a firmar contrato de concessão de uso com o Movimento Comunitário de Itararé, para utilização da área de propriedade do patrimônio municipal, medindo 69,94m² (sessenta e nove metros quadrados e noventa e quatro décimos quadrados) localizada na Avenida Robert Kennedy, Bairro Itararé, onde funcionava a lavanderia pública.

Art. 2º - A área de que trata o Art. 1º desta Lei será utilizada pelo Movimento Comunitário de Itararé para construção de sua sede social, ficando estipulado um prazo de 5 (cinco) anos para a conclusão da obra, contados a partir da data da assinatura do contrato de concessão de uso, pena de reversão da área e respectiva benfeitorias ao patrimônio municipal.

Art. 3º - O prazo da concessão de uso autorizada nesta Lei será de 10 (dez) anos, podendo ser renovado, a critério do Município. Ver tópico Art. 4º - Os encargos que ficarão a cargo do Movimento Comunitário de Itararé serão identificados no contrato a ser outorgado pelo Município.

Art. 5º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Attílio Vivacqua, 30 de julho de 1997.

CESAR COLNAGO
Presidente

<http://camara-municipal-da-vitoria.jusbrasil.com.br/legislacao/596816/lei-4469-97>

Dona Olyria de Jesus: “era uma luta ter água até para beber, ali perto da igreja Assembleia, na subida do morro, tinha um poço que chamava poço da misericórdia. Descia gente até do **Bairro da Penha** pra lavar roupa ali precisava fazer fila, hoje em dia até acabou porque a dona dali já morreu, irmã Jandira, mas ali ficava o poço da misericórdia.”

Zelinda: “O **Sargento Carioca** fez uma lavanderia onde é o **Movimento Comunitário** para a finada Olga, finada Jandira, para a finada Maria Mineira e para a finada Lia que lavava roupa para fora”.

Dona Terezinha Leppaus: “... quando chegamos em 1965 a **Lavanderia Pública** já não funcionava mais. Por muitos anos lavei roupa, com água do poço, para as madames, primeiro as de Jardim da Penha e depois as da **Praia do Canto** e de **Bento Ferreira**. A água do Poço da Dona Jandira era clarinha e a roupa ficava bem lavadinha... quando faltava água nos poços de perto de casa a gente comprava a lata de água da Dona Clarinda, de Seu Sabino”.



lavadeiras - óleo sobre tela de João Melo

O Campo do Caxias

O Campo do Caxias localizado no Bairro Itararé em Vitória pertence ao Caxias

Esporte Clube fundado em 1940 por profissionais da Polícia Militar do Espírito Santo mas era aberto para as “peladas” dos times do bairro.

O Estádio atualmente serve para uso da categoria de base do clube até 17 anos, além de escolinha de natação e hidroginástica para sócios.

TÍTULO DE ELEITOR

N.º 39759 VIA 1ª

JOSÉ MATTOS
NOME POR EXTENSO DO ELEITOR

Casado Operário 34 anos
ESTADO CIVIL PROFISSÃO IDADE

Esp. Santo 23 de maio de 1920
NATURALIDADE DATA DO NASCIMENTO (DIA, MÊS E ANO)

Antonio Mattos e Ana Mattos de Jesus
NOME DO PAIS

Praia do Canto
RESIDÊNCIA

1ª Zona - Esp. Santo
ZONA E CIRCUNSCRIÇÃO EM QUE SE ALISTOU

Jose matto
ASSINATURA DO ELEITOR

24-5-1954
DATA E ASSINATURA DO JUIZ

OBSERVAÇÕES

DOCUMENTO DE IDENTIDADE - Cart. Profissional

Votou na eleição de 3/19/54

Rubrica do Juiz [assinatura]

Votou na eleição de

Rubrica do Juiz

Votou na eleição de

Rubrica do Juiz

Depart. de Imp. Nacional - Rio

Titulo de eleitor de 1954, do Sr José Mattos, pai de Dona Zelinda (Martinha)

Dona América: “Tinha o campo do Caxias aqui. Tinha também o campo do Sat elite ali que era muito bom. Os dois eram abertos, mas com cerca. Depois que começaram as inundações em Itararé o campo do Sat elite acabou, s  vivia cheio de lama. O campo do Caxias s  não acabou porque estava mais afastado e tinha a polícia para cuidar e conservar”.

Seu Benedito: “... o primeiro campinho que a gente jogava bola era lá onde está o Caxias. Aqui no bairro tinham muitos times de futebol. Eu fui presidente do time Canaã, do time Brasileirinho e do time Esporte Clube Industrial... nos tempos do Deputado Altamiro Martineli (o Deputado Abacaxi) a gente colava papel nos postes (propaganda eleitoral) e ele dava jogo de camisa para nós”.

Nossa
história
Nosso Bem



Território do Bem - Vitória - ES

Nossa história Nosso Bem



Território do Bem - Vitória - ES

